

TERMINALIDADE, MORTE E LUTO EM TEMPOS PANDÊMICOS¹

Vanessa de Castro e Costa²

Hila Martins Campos Faria³

RESUMO:

A pandemia de Covid-19 teve início em março de 2020, na China. Rapidamente, a doença se espalhou pelos outros países do mundo e o número de pessoas infectadas e indo à óbito, aumentou. Medidas foram tomadas com o intuito de conter a disseminação, como distanciamento social, fechamento de escolas, universidades, bares, parques, isolamento de pessoas com suspeita de estarem com a doença e restrição de viagens e passeios. Conseqüentemente, essas restrições também se aplicaram ao acompanhamento de pessoas hospitalizadas, às comunicações de notícias difíceis e aos rituais de despedida. Os processos de elaboração do luto frente a tantas perdas também sofreram interferência do contexto pandêmico, uma vez que os rituais de despedidas e momentos no final de vida foram submetidos à adaptação e modificações, o que direta ou indiretamente, contribui para a evolução de lutos complicados. Sendo assim, o presente artigo tem como objetivos compreender de que maneira a terminalidade, a morte e o luto, da perda de familiares, foram e estão sendo vivenciados e elaborados durante a pandemia do coronavírus, seja pela morte em si ou pela iminência da mesma; compreender e conceituar terminalidade e morte e analisar os fatores que envolvem a vivência do luto. Ademais, objetivou-se também, estudar e analisar as estratégias de enfrentamento do luto no contexto da pandemia, observando como o mesmo está sendo elaborado e vivenciado por quem sofreu a perda de familiar devido à Covid-19. Trata-se de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo. A coleta de dados foi efetuada no mês de abril de 2022, através de entrevistas semiestruturadas com pessoas que passaram pela perda de um familiar em decorrência do vírus da Covid-19. As mesmas foram gravadas e posteriormente, transcritas em sua integralidade. Os dados foram analisados através da análise de conteúdo, que objetiva alcançar, por meio de procedimentos sistemáticos e propósitos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que possibilitam a conclusão de conhecimentos inerentes às condições de produção dessa mensagem. Os resultados apontam para a existência de impactos emocionais como medo, angústia, tristeza, raiva e solidão nos familiares, tanto ao receberem o diagnóstico de Covid, quanto no momento de espera por notícias durante o período da hospitalização, onde foi observada ainda a presença de sentimentos como insegurança, ansiedade e catastrofização da realidade. Além disso, também foi possível observar situações desfavoráveis para um luto saudável, como ausência dos rituais de despedida e oportunidade dos familiares despedirem-se. Repercussões emocionais de um luto

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Psicologia e Saúde. Recebido em 20/05/2022 e aprovado, após reformulações, em 20/06/2022. Esse artigo foi realizado a partir de pesquisa submetida a um Comitê de Ética em Pesquisa, com o parecer de aprovação na Plataforma Brasil sob o número 5.292.361/2022.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: vanessacastroecosta@gmail.com

³ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: hilafaria@uniacademia.edu.br

complicado também se fizeram presentes, com a presença de sentimentos como arrependimento e culpa, mas também e a presença de importantes recursos de enfrentamento, como a espiritualidade, o trabalho e o suporte social.

Palavras-chave: Psicologia da Saúde. Terminalidade. Morte. Luto. Pandemia.

TERMINALITY, DEATH AND GRIEF IN PANDEMIC TIMES

ABSTRACT:

The Covid-19 pandemic started in March 2020 in China. The disease spread quickly to other countries and increased the number of cases and death. Measures were taken to contain the spread, such as social distancing, closing schools, universities, bars, parks, isolating suspected cases and restricting travel and tourism. Consequently, these restrictions also applied to accompanying hospitalized people, communicating difficult news and funerals. The grieving process was also interfered with by the pandemic context, since the funerals and moments before death were subjected to adaptation and modifications, which directly or indirectly contributed to the evolution of complicated grieving. Therefore, the present work aims to understand how terminality, death and mourning, the loss of family members, were and are being experienced and elaborated during the coronavirus pandemic, either by death itself or by the imminence of it; understand and conceptualize terminality and death and analyze the factors that involve the experience of grief. In addition, the objective was also to study and analyze the coping strategies of grief in the context of the pandemic, observing how it is being prepared and experienced by those who suffered the loss of a family member due to Covid-19. This is a qualitative field research. Data collection was carried out in April 2022, through semi-structured interviews with people who experienced the loss of a family member as a result of the Covid-19 virus. They were recorded and later transcribed in their entirety. The data were analyzed through content analysis, which aims to achieve, through systematic procedures and purposes of description of the content of the messages, indicators that allow the conclusion of knowledge inherent to the conditions of production of this message. The results point to the existence of emotional impacts such as fear, anguish, sadness, anger and loneliness in family members when receiving the diagnosis of Covid and waiting for news during the hospitalization period, where the presence of feelings such as insecurity, anxiety and catastrophizing was observed. In addition, it was also possible to observe unfavorable situations for healthy mourning, such as the absence of funerals and the opportunity for family members to say goodbye. Emotional repercussions of complicated grief were also present, with the presence of feelings such as longing, regret and guilt, and the presence of important coping resources, such as spirituality, work and social cycle.

Keywords: Health Psychology. Terminality. Death. Grief. Pandemic.

1 INTRODUÇÃO

A doença acarretada pelo novo Coronavírus foi confirmada, de início, na China. Logo depois, com os casos surgindo com cada vez mais frequência no Brasil e com o

número de óbitos em decorrência do mesmo sendo cada vez maiores, em março de 2020 passou a ser considerada uma pandemia. Como medida para buscar conter a disseminação do vírus, houve o fechamento de escolas e universidades, distanciamento social, isolamento de pessoas com suspeita de estarem com o vírus e restrições de viagens (CREPALDI *et al.*, 2020).

No decorrer de um período, foi possível criar e aderir à medidas restritivas de aglomeração. Dentre essas providências, houve a pausa temporária das aulas presenciais, seja em escolas ou universidades, proibição de atividades que causassem aglomeração de mais de dez pessoas, obrigatoriedade de máscaras em locais públicos, medição de temperatura nos estabelecimentos comerciais e públicos, isolamento de pessoas infectadas com o vírus e impedimento do funcionamento de bares, academias e casas de show (GIAMATERREY *et al.*, 2021).

Os processos de terminalidade e morte também foram afetados pela pandemia, uma vez que, perante a obrigatoriedade de manter o distanciamento social, as pessoas hospitalizadas só conseguem manter contato com seus familiares e amigos através de aparelhos eletrônicos, como tablets e celulares e no momento em que é permitido a utilização dos mesmos, de acordo com a rotina de cada instituição hospitalar. Foi sancionada, em 2021, a Lei nº14198/21 que tornava obrigatória a realização de vídeochamadas, para que os pacientes hospitalizados, que estivessem impossibilitados de receberem visita, tivessem contato com seus familiares e amigos. As ligações deveriam ser realizadas, no mínimo, uma vez ao dia e os protocolos de segurança exigidos deveriam ser respeitados, assim como as observações médicas sobre o melhor momento. As vídeochamadas deveriam ser previamente autorizadas pelo profissional responsável pelo acompanhamento do paciente, assim como pelo próprio indivíduo hospitalizado que, ainda que inconsciente, recebia as ligações uma vez que, quando capaz de se expressar de maneira autônoma, autorizasse a realização das mesmas. A realização dos rituais de despedida, como velórios e enterros, também sofreu alterações, uma vez que passou a ser restrita e com duração menor que o habitual, assim como os protocolos de funerário, onde os caixões deveriam estar lacrados e os velórios não eram possíveis de acontecer em sua plenitude, o que pode ter vindo a dificultar a elaboração do luto (CREPALDI *et al.*, 2020).

A pandemia de Covid-19 traz consigo uma complexidade que pode resultar em uma consequência no processo de luto. A possibilidade de os pacientes internados terem um agravamento repentino em seu quadro de saúde e virem a falecer sem que a família tenha percebido a situação de iminência da perda, acaba por agravar e influenciar na elaboração do luto. As restrições impostas no momento de velório e funeral, também podem afetar esse processo, uma vez que os familiares das vítimas frequentemente têm a sensação de que seu ente querido não recebeu o ritual de despedida que merecia ou que não houve oportunidade de se despedirem como desejavam (GIAMATERREY *et al.*, 2021).

Em um cenário de pandemia, a morte se faz mais presente e repentina do que nos padrões da normalidade. Esse morrer precoce e imprevisível é tido como agravador para a elaboração do luto e pode acarretar em transtornos psicológicos nos sujeitos que passaram por perdas com essas características, como ansiedade, depressão e outros. A pandemia pode acarretar um processo de luto com atravessamentos e desdobramentos que acabam por acentuar os sofrimentos psíquicos coletivos e individuais. Uma outra manifestação de sofrimento que pode surgir nesse cenário é a ansiedade da morte, uma vez que o medo de morrer vem se intensificando, seja nos pacientes ou em seus familiares. As pessoas enlutadas podem viver sentimento de culpa, desamparo, tristeza e cansaço físico e mental, decorrentes da rotina e preocupação com o parente que esteja internado (CREPALDI *et al.*, 2020).

Desse modo, o presente estudo tem como principal objetivo analisar, através de estudos e pesquisas de campo, de que maneira a terminalidade, a morte e o luto pela perda de familiares, estão sendo vivenciados e elaborados durante a pandemia do coronavírus, seja pela morte em si ou pela iminência da mesma. Busca-se ainda, compreender e conceituar terminalidade, morte e luto; analisar os fatores que envolvem a vivência do luto e as repercussões emocionais advindas dessa realidade; compreender as estratégias de enfrentamento do luto no contexto da pandemia. Como pergunta norteadora, tem-se: em tempos pandêmicos, como está sendo a elaboração do luto e o enfrentamento da morte e da terminalidade para familiares que perderam um ente querido com Covid-19?

O presente trabalho se deu através de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo. O público-alvo contemplou pessoas maiores de 18 anos que tivessem perdido um familiar em decorrência do novo Coronavírus. A coleta de dados se deu por meio de entrevistas semi estruturadas, que foram gravadas e transcritas integralmente. A análise dos dados obtidos foi realizada através de análise de conteúdo. O estudo foi autorizado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário Uniacademia, sob o parecer consubstanciado nº 5.292.361. O detalhamento do método encontra-se a diante no item 3.

2 TERMINALIDADE, MORTE, LUTO E RITUAIS DE DESPEDIDA

A terminalidade pode ser entendida como o momento em que cessam-se todas as chances de resgate das condições de saúde e o cenário de morte próxima parece impreterível e previsível. O sujeito passa a não ser mais passível de recuperação e sem que consiga impedir, caminha para a morte. É quando se sucumbem todas as possibilidades de recuperação da saúde. Mas, é importante lembrar que, admitir que o sujeito está indo em direção à morte não quer dizer, necessariamente, que não há mais o que se fazer pelo mesmo. E, é nesse momento que se há a possibilidade de início de procedimentos, seja para o paciente ou seus familiares, que objetivam o alívio do sofrimento, da dor e do desconforto (MARENGO; FLÁVIO; SILVA, 2009).

Como acontecimento natural da vida, a morte deixou de ser do domínio familiar para pertencer ao domínio dos profissionais de saúde. Antigamente, as pessoas tinham a oportunidade de se despedirem dos membros de sua família, pois as pessoas eram veladas e morriam dentro de suas próprias residências, resolviam as últimas pendências, como dar destino à seus bens e pertences, faziam testamento, tornavam claro seus desejos quanto à maneira que desejavam que ocorressem seus rituais de despedida, se desejavam ser cremados ou enterrados e em qual local seria, realizavam seus desejos e todos os parentes acompanhavam a esse acontecimento em um local absolutamente natural (KUBLER-ROSS, 1969).

Em contrapartida, os avanços no âmbito da reanimação e intensivismo da área médica, conduziram à hospitalização da morte, onde se morre longe de seus lares e familiares. Atualmente, pelo fato da mesma estar sendo em grande parte, no ambiente

hospitalar, seria necessário um suprimento das necessidades do paciente, não só sob o ponto de vista físico, mas também emocional e psíquico, como avaliar, considerar e cuidar das questões subjetivas que emergem nesse momento de fim da vida. Utilizando-se de todos os recursos disponíveis, os profissionais da saúde zelam pelo corpo do doente, esquecendo de suas necessidades emocionais. Kübler-Ross (1969) ressalta, nesse sentido, que os profissionais de saúde estão habilitados em termos técnicos, mas são pouco instruídos a cuidarem do sofrimento humano daquele sujeito que está no fim da vida.

A morte é universal, uma vez que tudo o que é vivo, morre; é irreversível, não tem como voltar ou mudar; e não funcional, o corpo perde toda a funcionalidade. Ainda que seja reconhecida e entendida como universal, inevitável e natural, o sujeito não consegue imaginar sua própria morte, e por esse fato, a maioria das pessoas tem a tendência de evitá-la e isso acaba acarretando em um despreparo para enfrentar a finitude humana. O falecimento é um episódio pertencente ao ciclo do desenvolvimento e está inserido na realidade de vida de todos, mas, faz parte de um contexto sócio histórico de negação (VON HOHENDORFF; MELO, 2009).

Não somente após a morte de alguém ou de uma perda significativa, mas também diante da possibilidade da sua ocorrência, acontece o luto. Ele é um processo necessário e fundamental para ocupar o vazio provocado pela ausência ou pela iminência da mesma. Diversos indivíduos podem acabar passando pelo luto, seja quem tinha relação direta com a pessoa falecida, ou quem possui vínculo com aquele que ficou. Várias pessoas podem atravessar o mesmo processo de luto mas, cada uma o vivenciará e elaborará de uma maneira diferente, dependendo da relação que se tinha com a pessoa que faleceu, com o meio no qual está inserida, as circunstâncias que causaram e levaram à morte e a cultura à qual o enlutado faz parte. É importante ressaltar que não é possível que haja um trabalho relacionado ao luto sem que haja um reconhecimento da morte (BASSO; WAINER, 2011).

O luto pode apresentar cinco fases até que seja elaborado e são elas: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Na primeira, da negação, o sujeito, como uma defesa, acaba negando o acontecido, buscando uma forma de não ter contato com a realidade da morte. Ele acredita que pode ter havido um engano e que a qualquer momento, o que se foi, voltará. No estágio na raiva, o indivíduo desenvolve uma

revolta com o mundo, não se conformando com o que aconteceu. Também pode sentir raiva de quem informou sobre o ocorrido, de quem, supostamente, poderia ter evitado, do fato que resultou e pode duvidar e questionar Deus, duvidando de sua existência ou veracidade. Na fase da barganha, pode-se haver o feito de pactos com Deus, promessas e negociações em geral, tudo objetivando a revogação da morte. O quarto estágio diz respeito à depressão, onde o sujeito, se sentido impotente perante a situação, se isola e se retira, podendo apresentar sintomas de melancolia e depressão. Na última fase, da aceitação, o indivíduo, com o sofrimento um pouco mais suavizado, consegue fazer reflexões e passa a ter percepções mais conscientes, cessando o desespero e enxergando a realidade como realmente ela é, estando pronto e capaz pra aceitar a morte ou perda (KUBLER-ROSS, 1969).

O luto pode se manifestar de forma normal ou complicada. Esse processo considerado como normal tem relação com o fato de o sujeito enlutado ser capaz de passar pelo processo do luto de uma maneira tranquila, quando inicialmente há sentimentos de descrença, depois um desconforto emocional e em seguida uma reconstrução e reconstituição emocional. Essa normalidade no que se refere ao processo de luto, se relaciona com a duração desse momento, e depende do trabalho do enlutado, do reajustamento com o meio no qual está inserido e da criação de novas relações. Já o luto complicado pode ser caracterizado por uma tristeza intensa e duradoura, que pode interferir nas competências funcionais do sujeito, o impossibilitando de retornar à sua condição de funcionamento anterior à perda. Nesse processo é possível observar também uma intensa dificuldade em aceitar e compreender a morte, onde o luto pode perdurar por muito tempo, interferindo no estado emocional e psíquico da pessoa enlutada (RAMOS, 2016).

Os rituais de despedida podem ser entendidos como práticas simbólicas que auxiliam na expressão dos sentimentos diante de uma perda, instaurando um pouco de ordem e paz no estado emocional desordenado, determinando uma direção representativa para os eventos da vida e permitindo que haja a construção social de significados compartilhados. São eles que abrem as portas para que a consciência do processo de luto seja possível de acontecer. Esse fato está profundamente relacionado à forma como as pessoas resolvem as questões relacionadas ao próprio desdobrar da vida social do qual a morte pertence. A maneira de ritualização de cada

cultura e sociedade evidencia como as mesmas se organizam e reorganizam na presença de mudanças (SANTOS, 2019).

É possível considerar, quanto aos significados presentes nos rituais fúnebres, que os mesmos incluem a definição de um estado de enlutamento, de reconhecimento da importância da perda e da significância daquele ente que se foi. As experiências rituais se mostram importantes nas mudanças do ciclo da vida, possibilitando a organização de um elo entre passado e futuro, um vez que integram significados tanto da família, quanto da cultura e envolvem três aspectos: ritual para admitir a perda e entrar no luto, para representar os momentos de modificação na vida e que simbolize o que a família incorpora da pessoa falecida. É possível, ainda, entender os rituais de despedida como caminhos para marcar a perda de um dos integrantes da família, para favorecer a manifestação do luto, reiterar a vida como foi vivida por aquele que morreu, direcionar um caminho que faça sentido perante a perda e dando continuidade na vida daqueles que ficaram (SOUZA; SOUZA, 2019).

Perante a realidade de pandemia e o grande número de perdas por ela causadas, aos poucos, novas formas de relacionamentos, pensamentos, vida, morte e luto vão sendo criadas, e as antigas, modificadas. A maneira de enfrentar as perdas de pessoas queridas foi alterada, uma vez que os rituais de despedida precisaram ser modificados devido a contaminação pelo vírus. Dessa forma, fica clara a não possibilidade de um espaço para o sujeito elaborar a perda, pois a vivência de não tocar ou ver quem faleceu pode ser traumática e dolorosa, além disso, poder fazer com que o mesmo não vivencie o luto (DANZMANN; SILVA; GUAZINA, 2021).

Segundo Danzmann, Silva e Guazina (2021, p.8):

Em linhas gerais, a forma como as pessoas enfrentam a morte e o luto depende da cultura, da relação com a pessoa falecida e da classe econômica. Todavia, o contexto é atípico, e como se fosse pouco, até a forma de despedida foi modificada devido à contaminação do coronavírus, restringindo ou impossibilitando que os familiares tenham o último contato com o familiar ou amigo falecido. Dessa maneira, muitas pessoas não estão conseguindo ritualizar a morte, nem se conectar com sua dor, que é fundamental na vivência da perda.

Estão havendo orientações para os rituais de funeral e recomendando que os velórios se deem com poucas pessoas, apenas as mais próximas da pessoa falecida e que tenha a duração de no máximo uma hora, que o sepultado seja realizado com

o caixão lacrado e que não ocorra o processo de tanatopraxia (tratamento, limpeza e maquiagem do corpo) e que, ao final do velório, o corpo seja cremado. Essa nova realidade determinada pela pandemia vem apresentando vários desafios no que diz respeito ao cuidado e a saúde mental dos sujeitos que vivenciam o luto por pessoas queridas que foram afetadas pela Covid-19. É fundamental que, para oferecer suporte e apoio à essas pessoas, se considere cenários como óbito em casa, falecimento solitário sem uma rede de apoio presente, morte em hospitais sem a possibilidade de despedida dos entes queridos e óbito súbito de pacientes suspeitos de infecção, que são fatores que podem resultar em diversas repercussões psicológicas e emocionais (COGO, 2021).

3 MÉTODO

O projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil e autorizado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário Academia, enquadrando-se na categoria de aprovado sob o parecer consubstanciado nº 5.292.361 em 15 de março de 2022.

Em cumprimento a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, todos os participantes foram esclarecidos quanto à natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios e riscos, os quais foram formulados em um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi assinado para a autorização de participação voluntária na pesquisa. Além disso, foi destacado que a participação poderia ser interrompida em qualquer momento sem nenhuma penalidade ou prejuízo. Vale ressaltar que o anonimato dos sujeitos do estudo foi preservado de acordo com a resolução 566/17 do Conselho Nacional de Saúde.

A nomeação dos participantes foi estabelecida a partir de nomes de flores, o que preserva a identidade de cada indivíduo, sendo Orquídea, Violeta, Petúnia e Capitu para participantes do gênero feminino e Amarantho, Girassol, Lírio, Lótus para participantes do gênero masculino.

A presente pesquisa é resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia do Centro Universitário Uniacademia e é classificada como qualitativa, que pode ser caracterizada por sua capacidade de integrar sentidos e conhecimentos aos

fatos estudados, que por diversas vezes, os testes e números estatísticos não alcançam. Diferentemente da pesquisa quantitativa, que tem por objetivo quantificar as falas, a pesquisa qualitativa atua com crenças, valores, hábitos opiniões e atitudes. E por essa característica, essa espécie de investigação é muito contemplada pela área de saúde em geral. Seus constituintes de estudo são os discursos e seus instrumentos são a análise e a interpretação da linguagem (JARDIM; PEREIRA, 2009).

Os participantes foram selecionados a partir de critérios de inclusão e exclusão. Foram escolhidos os participantes que perderam um ente querido em decorrência do vírus da covid-19 e que estavam com sua cognição e consciência íntegros e preservados no momento da entrevista. Foram excluídos da amostra os participantes com idade inferior à 18 anos, que perderam pessoas, ainda que muito próximas, mas que não eram familiares e sujeitos que sofreram a perda de um integrante da família no período da pandemia, mas que a causa da morte não tenha sido covid-19. Foram 4 homens e 4 mulheres entrevistados, com faixa etária entre 23 e 71 anos, que passaram pela perda de familiares como pai, sobrinho, cunhada, tios, irmã e avós.

A captação dos participantes se deu através do método bola de neve, que se fundamenta na indicação de mais indivíduos para participarem da pesquisa. O método se inicia com um determinado número de sementes, que são sujeitos elegidos pelo pesquisador e que pertencem ao público-alvo. Esses sujeitos, por sua vez, indicam outras pessoas, baseando-se em seus contatos, para participarem da amostra. Segue dessa maneira até que se alcance o número amostral pretendido (DEWES, 2013).

O cenário da pesquisa, que ocorreu no atual contexto de pandemia, exigiu flexibilidade quanto à coleta de dados. As entrevistas ocorreram de maneira online e presencial, conforme a disponibilidade e escolha dos entrevistados. Os horários foram previamente agendados e adaptados conforme necessidade dos entrevistados e da pesquisadora. As entrevistas que aconteceram de maneira online, se deram por chamada de vídeo, através do Whatsapp ou Google Meet. Já as entrevistas que ocorreram presencialmente, foram feitas em um local adequado, silencioso e com privacidade para não haver interferência nas respostas.

Os participantes foram, antes da realização da entrevista, informados sobre as questões éticas que as envolviam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido. A coleta de dados aconteceu no mês de abril de 2022 por meio de entrevistas semiestruturadas, que se caracterizam pela flexibilidade de pequenas mudanças no roteiro prévio da entrevista. Ou seja, há possibilidade de ajustes de acordo com as necessidades do entrevistador para que a entrevista flua de maneira dinâmica e natural, sem perder o seu objetivo. As mesmas foram gravadas com um gravador de áudio, transcritas em sua integralidade e logo após, apagadas.

Perante a necessidade de reviver e relembrar a perda do familiar e os mais diversos aspectos que a envolveram, surgiu a necessidade de fornecer apoio psicológico aos participantes, uma vez que emergiram sentimento de tristeza, angústia e solidão.

A morte de um familiar pode ser considerada uma das experiências mais difíceis que o indivíduo atravessa ao longo da sua vivência. Ela acarreta emoções e sensações diversas, provoca a união com o íntimo de cada sujeito, valendo-se das mais diversas vertentes do ser humano. É, conjuntamente, social e pessoal. Implica em certezas, dúvidas, receios, medos, esperanças, perspectivas e tende a tocar cada sujeito de maneira única, nas suas mais diversas proporções. Evocar lembranças referentes à perda de um familiar pode resultar em sentimentos de angústia, tristeza e ansiedade, sentimentos que possivelmente estiveram presentes no momento da perda e que são revividos quando se fala da morte. É importante dar lugar à esses sentimentos, possibilitando que haja espaço para os mesmos serem validados e elaborados (PEREIRA, 2014).

A amostragem da pesquisa se deu por saturação. Essa ferramenta foi utilizada para estabelecer ou encerrar o tamanho final de uma amostra de estudo, suspendendo a captação de novos componentes. Esse fechamento se deu quando acreditou-se que os dados obtidos eram suficientes para uma boa análise e quando os mesmos começaram a ser redundantes e com pouca variedade nas respostas dos participantes (FONTANELLA; RICAS; TURANO, 2008).

A análise dos dados se deu através da análise de conteúdo, que é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam ao discurso, ainda que o mesmo seja extremamente diversificado. Essa análise é uma técnica de pesquisa que lida com as palavras, o que possibilitou, de maneira concreta e prática, fornecer hipóteses que as representem. A mesma visa obter, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos

de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção destas mensagens. Também pode ser entendida como sendo uma técnica de pesquisa que atua com a palavra, fazendo com que seja possível, de maneira clara e direta, gerar hipóteses do conteúdo reproduzíveis em seu contexto social. Assim sendo, procura-se entender o pensamento do indivíduo por meio do conteúdo expresso levando em consideração as significações identificadas através de indicadores interligados (GUERRA, 2006).

Vale ressaltar que na primeira fase da análise dos dados, foi realizada uma leitura flutuante de cada entrevista realizada. Por leitura flutuante podemos entender como sendo uma leitura sem obrigatoriedade de haver relação metodológica, somente uma leitura com intuito de gerar algumas mostras e impressões quanto ao conteúdo do material coletado (TURANO, 2008).

A partir dessa primeira leitura, foi criado um arquivo onde os elementos foram separados e categorizados. Aconteceu, em seguida, uma análise criteriosa do conteúdo e transformação dos mesmos em materiais trabalhados, que foi apontada como categorização dos tópicos emergentes, de acordo com critérios de repetição e de relevância. A repetição se fundamentou no que apareceu em comum em todas as entrevistas. E, a relevância se referiu não necessariamente à tudo o que havia aparecido em grande quantidade, mas sim pelo considerável valor se tratando de conteúdo e de poder contradizer ou comprovar a hipótese do estudo (TURANO, 2008).

Dessa forma, foi feita uma análise através de um subsídio teórico e exemplificação prática através das falas dos participantes do estudo. As citações literais foram feitas com o objetivo de ilustrar e dar vida ao texto. É válido informar que estes recortes não foram realizados de maneira a desagregar o discurso, fazendo com que o mesmo ficasse fora de conjunto. E sim, oposto a isso, a escolha das falas foi elaborada de maneira coerente, levando em conta o material das entrevistas coletadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o intuito de caracterizar os(as) participantes do estudo, seguem alguns dados relevantes dos(as) mesmos(as):

Quadro 1: Caracterização dos(as) participantes que sofreram a perda de um familiar

Nome fictício	Sexo	Idade	Grau de parentesco	Tempo do falecimento
Orquídea	Feminino	57 anos	Tia	1 ano e 11 meses
Violeta	Feminino	45 anos	Irmã	1 ano e 4 meses
Petúnia	Feminino	23 anos	Tia	1 ano
Capitu	Feminino	71 anos	Tia	9 meses
Amaranto	Masculino	49 anos	Primo	11 meses
Girassol	Masculino	23 anos	Avô	1 ano e 5 meses
Lírio	Masculino	25 anos	Pai	1 ano e 9 meses
Lótus	Masculino	29 anos	Avô	1 ano e 5 meses

Exposto isso, segue-se com a análise dos resultados encontrados, os quais serão apresentados por meio das seguintes categorias:

1. Repercussões emocionais do diagnóstico.
2. Impacto emocional da espera por notícias.
3. Situações desfavoráveis para um luto saudável.
4. Manifestações emocionais de um luto complicado.
5. Recursos de enfrentamento.

4.1 Repercussões emocionais do diagnóstico

O tópico atual busca apresentar as consequências emocionais advindas do diagnóstico de Covid-19 nos familiares de pessoas contaminadas. Foi observado que a presença de doenças crônicas intensifica o medo da morte nos familiares, uma vez que, essas pessoas tinham uma condição de maior vulnerabilidade.

Ela tinha diabetes e hipertensão, me veio um sentimento de preocupação e angústia muito grande, sabendo que esse vírus era mais agressivo em quem tinha alguma predisposição. Parecia uma sentença de morte, um decreto pro fim da vida. E aquilo trazia uma tristeza profunda (ORQUÍDEA, Tia).

Em um cenário pandêmico, como o de Covid-19, as numerosas perdas de vidas humanas provocam mudanças relacionadas às expectativas com o futuro, ocasionando em medo da própria morte ou de familiares e amigos. De acordo com Meneghel, Ribeiro, Oliveira (2022), houve, a partir do início da pandemia, um notável aumento e intensificação no medo de morrer ou de perder um de seus, aumentado à angústia de não ter assistência médica ou de não poder se despedir de seus entes queridos e pessoas próximas.

Dentre os familiares de pacientes confirmados para Covid-19, eram frequentes relatos de solidão, raiva e angústia. Soma-se a isso a intensificação das preocupações com os familiares, com seu estado de saúde e com sua vida em diante a partir dessa doença, o que tende a agravar a carga emocional, física e de papéis sociais, favorecendo o desencadeamento ou agravamento de transtornos mentais (ALMEIDA *et al.*, 2020).

Foi muito assustador, deu muito medo, angústia e tristeza. Ainda mais que foi no início da pandemia, não sabíamos quase nada sobre o vírus, receber esse diagnóstico era como receber uma sentença de morte. E parece que fui antecipando a morte dele, eu sofria com ele vivo, mas como se fosse morrer (LÍRIO, Pai).

E continuou:

Era difícil de acreditar que aquilo que a gente via na televisão e na internet, das pessoas sofrendo muito, angustiadas com seus familiares no hospital, estaria acontecendo com uma pessoa tão próxima assim. A gente tem o costume de acreditar que na nossa família não acontece, mas acontece e isso causa um abalo enorme (LÍRIO, Pai).

A vivência de ter um familiar diagnosticado com uma doença desconhecida ou com grande potencial ameaçador da vida, é altamente angustiante, em virtude à incerteza que surge na vida pessoal e familiar que é acentuada por se tratar de uma

potencial ameaça à vida podendo aumentar a angústia dos cuidadores (ALMEIDA *et al.*, 2020).

Por luto antecipatório, é possível entender como sendo um luto que acontece em uma circunstância onde ocorre o distanciamento de um membro da família em decorrência de o mesmo se encontrar com uma considerável chance de morte e a família, como forma de enfrentar o possível óbito, realiza esse trabalho de luto de forma antecipada. Em uma realidade de pandemia, o luto antecipatório costuma ocorrer quando, pioras no quadro clínico do paciente, ocorrem de maneira rápida e há uma grande possibilidade de o paciente vir a morrer (SANTOS; PAZ, 2021).

A circunstância de adoecimento, acentuado com a internação em uma instituição hospitalar, se mostra muito considerável para a família, da perspectiva física e emocional. Permite compreender a vulnerabilidade em que o sujeito doente se encontra e, de maneira conjunta, vivida pela família em que se inclui. Nesse momento, é possível perceber que todos são acometidos, que o contexto de doença é um assunto que objetivam distanciar, pela fragilidade que lhes traz, de forma individual e coletiva. A experiência de processos de passagem entre saúde e doença se mostra intensamente significativo, seja pelas mudanças consideráveis encontradas de forma individual, mas também na dinâmica familiar. É um momento onde se passa, subitamente, de uma rotina de saúde e equilíbrio, para uma realidade de doença, com tudo o que daí decorre (MENDES, 2017).

4.2 Impacto emocional da espera por notícias

Esse tópico objetiva apresentar os impactos emocionais acarretados pela espera por notícias do quadro clínico do familiar em situação de hospitalização, bem como os pensamentos que surgem a partir dessa espera, como catastrofização, angústia e medo.

Quando ela foi internada, os médicos disseram que ligariam pra nós todos os dias, informando sobre a evolução do quadro dela. Mas isso não foi feito. Essas ligações não ocorriam todos os dias e quando ligávamos pra lá, pedindo o boletim médico, eram sempre as mesmas informações: grave, intubada e sem melhoras no quadro, mas nada além disso. E isso angustiava muito a gente, trazia um desespero, um medo por não saber ao certo o que estava acontecendo (VIOLETA, Irmã).

Estudos comprovam que a falta de informações claras à respeito do quadro clínico do paciente pode causar sentimentos e quadros ansiogênicos. Com um familiar internado, a rotina muda, os hábitos são alterados e os familiares acabam precisando adequar seus afazeres à rotina do hospital. Porém, conforme Lustosa (2007), com a possibilidade de acontecerem intercorrências e com a falta de rotina imposta pelo funcionamento dos acontecimentos do hospital, nem sempre os profissionais conseguem realizar essas ligações e esse contato de maneira regular e rotineira, o que pode acarretar em sentimentos como ansiedade, medo e angústia.

Essa angústia também foi corroborada por Orquídea, que permanecia vigilante a maior parte do dia, à espera de notícias:

A espera pela ligação era a pior parte da internação dela. A gente não dormia durante o dia, não atendia outras ligações e nem se quer saía de casa, porque tínhamos medo do hospital ligar, a gente não atender e ficarmos sem notícias naquele dia. E quando eles demoravam para ligar já começávamos a imaginar coisas, pensando que o quadro havia agravado ou que até mesmo ela tivesse falecido (ORQUÍDEA, Tia).

A maioria dos acontecimentos advindos da internação em CTI (Centro de Terapia Intensiva), é encarada de maneira imprevisível, resultando em mudanças no contexto familiar. Esse cenário faz com que muitos familiares fiquem com medo e receio do que vão ver e ouvir sobre seu ente querido. Nessa realidade, a comunicação se faz fundamental para diminuir as opiniões equivocadas formadas pelos familiares, uma vez que a espera por notícias pode acabar gerando, além de sentimentos de medo, solidão e tristeza, a criação de fantasias incompatíveis com a real condição do paciente, catastrofizando a mesma enquanto não se tem conhecimento sobre o quadro clínico real (VASCONCELOS *et al.*, 2016).

4.3 Situações desfavoráveis para um luto saudável

Essa categoria objetiva expressar situações que colaboraram para o desenvolvimento de um luto complicado, especificamente pela ausência e impossibilidade da realização de rituais de despedida.

Não teve velório, porque como a causa da morte era Covid, não estava sendo permitido que acontecesse o velório. O enterro se deu de uma forma

absurdamente rápida, nem na capela ele parou. Não foi permitido nem que víssemos o rosto dele, ainda que pela última vez (AMARANTO, Primo).

Em uma realidade de pandemia, existe a limitação ou a contenção das vivências dos rituais de despedida, como velório e enterro, que é possível de vir a ser um agente de contribuição para o aumento de culpa, tristeza e estresse na experiência do luto, podendo se transformar em um luto complicado. Ademais, corroborando com o dado apresentado, Nascimento *et al.* (2020), diz que essa limitação também colabora para que seja impossibilitada a materialização da morte, a criação de memórias e a resignificação da vida a partir da falta para os sobreviventes (NASCIMENTO *et al.*, 2020).

Assim, Lótus fala da dor de não poder se despedir:

Acho que talvez o não se despedir, o não poder ver, tocar e sentir pela última vez é pior do que a morte em si, porque fica um vazio, um buraco, que o tempo não está conseguindo fechar. Sinto falta da oportunidade de nos despedirmos dele, parece que está faltando algo, que alguma coisa está incompleta e inacabada (LÓTUS, Avô).

O velório pode ser entendido como um dos costumes culturais de ritualização, uma ocasião apropriada para a validação da morte, visto que, é um momento onde se depara com o corpo sem vida e é possível se despedir do mesmo, especialmente para aqueles que não puderam estar presentes no momento da morte do indivíduo. Existe, ainda, uma possibilidade de elaboração da morte com a preparação do ambiente e do corpo, assim como um encontro de familiares e amigos. Já o momento do enterro é frequentemente experienciado a partir de uma abundante emoção, tornando-se o local onde ocorre a materialização da morte para os indivíduos ali presentes e a conservação da memória daquela que faleceu, de maneira que a vivência de enterrar um familiar, oportuniza o entendimento de que a morte é um evento irreversível e que a conservação das lembranças efetiva uma função de relevância na vivência do luto (NASCIMENTO *et al.*, 2020).

O impacto da ausência dos rituais de despedida no processo do luto, também fica evidenciado no discurso abaixo:

Queria ter conseguido me despedir, mesmo que no hospital. Agradecer a ela por tudo, dizer o quanto a amava, mas, infelizmente não foi possível, e agora

tenho que conviver com a angústia e culpa de não ter me despedido e com a sensação de que ela também não teve a despedida que merecia, com toda a família e amigos, com um velório onde todos pudesse se despedir e vê-la, mesmo que pela última vez (GIRASSOL, Avô).

E continuou

E o que me deixou pior e até hoje, quase 1 ano e meio depois, meche muito comigo, é saber que eu levei o vírus pra ela, é saber que se não fosse por minha causa, ela estaria viva até hoje. Eu não consigo me perdoar por isso (GIRASSOL, Avô).

Os rituais de despedida têm uma função importante, que é de oportunizar que os sujeitos implicados na realidade da perda, sejam capazes de entrar em contato entre si e com o respectivo fato da morte da maneira mais funcional possível. Assim sendo, manifesta-se significativa para os familiares essa efetuação dos rituais de despedida, uma vez que isso lhes torna possível reduzir sentimento de impotência, culpa e tristeza, além de promover uma oportunidade de afeto, de aprendizado e de vivência de um momento único. Dessa forma, os rituais são apropriados para trazer tranquilidade, conforto, assistência na aceitação da perda e no restabelecimento da família, assim como, melhora pessoal e rearranjo de vínculos. Estar presente nos rituais de despedida, colabora para que o sujeito enlutado possa elaborar o seu luto e formular significados em uma nova vida sem a pessoa que faleceu (NASCIMENTO *et al.*, 2020).

4.4 Manifestações emocionais de um luto complicado

O presente tópico busca explorar sobre as reações e manifestações emocionais presentes em um processo de luto complicado, observando seus desdobramentos na vida da pessoa enlutada.

O luto acredito que seja um processo longo, demorado, porque eu ainda não acredito que meu pai morreu. Ele era motorista de caminhão, então pra mim ele está trabalhando, pra um lugar longe, por isso está demorando, mas que a qualquer momento chega de viagem e tudo volta ao normal. Às vezes até aceito a morte, mas logo em seguida volto a pensar que ele está viajando. Já tive muita raiva de Deus e dos médicos, mas hoje consigo ver que o que eles podiam ter feito, eles fizeram (LÍRIO, Pai).

E continua

Não consigo me concentrar em outra coisa, quando acho que esqueci, mesmo que por pouco tempo, volto a lembrar dele. Lembro de coisas que fizemos juntos, de momentos importantes que ele estava presente, das

dificuldades que nos apoiamos um no outro. Tudo me lembra ele, tudo me faz sentir falta dele (LÍRIO, Pai).

Os sujeitos que passam por um luto complicado, voltam-se a recordar, inúmeras vezes, os acontecimentos que conduziram à morte do seu familiar e a atentar-se à sua tristeza e arrependimentos referentes à pessoa que partiu. De acordo com Pereira (2014), as reflexões relativas a morte, as suas incapacidades de se concentrarem em outros prismas da sua vida e a sua sensação de desconexão referente a outros sujeitos de quem eram próximas antes da perda, podem conduzir a um isolamento profundo. Pensamentos regulares e maçantes referentes à morte, dificultam que os enlutados saíam de uma sensação de luto agudo. Somado a isso, pode vir a sensação de que a morte não ocorreu, onde vez ou outra, podem surgir pensamentos de que a pessoa voltará, que está realizando uma viagem, que está viva e que retornará.

Violeta também ratifica a importância de estar junto do ente querido nos momentos finais da vida, os quais muitas famílias foram privadas:

Gostaria de dizer tudo o que não tive tempo de dizer. Dizer o quanto eu a amava, o quanto ela era especial na minha vida. Gostaria de pedir desculpa pelas vezes que fui ausente, pelas vezes que fui grossa. Queria ter a oportunidade de agradecer por tudo o que ela já havia feito pra mim e pela minha família. Mas eu não pude dizer nada disso pra ela e isso me angustia muito (VIOLETA, Irmã).

E continua

Além disso, o velório seria essencial para que eu pudesse ser amparado pelos meus amigos, eu e minha família. Se tivesse acontecido, eu teria tido um acolhimento deles. Ainda que a gente se falasse por telefone, pra mim, nada substitui um abraço, um ombro amigo (VIOLETA, Irmã).

Os momentos de despedida são essenciais para oportunizar resolução de questões mal resolvidas, de contratempos e de controvérsias. É uma chance de fazer as pazes com o passado e continuar a viver após a perda. Ainda que, a princípio, essa cerimônia seja para homenagear quem morreu, a vida tem seguimento para quem continua vivo, sendo, dessa forma, um ritual para quem assiste, onde há a criação de um momento de cumplicidade, comunhão, renovação e compaixão, marcando o início de um luto necessário. Esse momento também é importante para estabelecer a reintegração do morto em um outro local, o da memória. Além disso, os rituais podem colaborar com a simbolização da morte do familiar, contribuindo com a reintegração

rotineira e social quebrada pela mudança que a perda acarreta, e amenizar potenciais sentimento de culpa, auxiliar na maturação psicológica e tornar possível a expressão pública de sua dor (SOUZA; SOUZA, 2019).

4.5 Recursos de enfrentamento

A última esfera pretende abordar sobre os recursos de enfrentamento utilizados perante a perda de familiares e a importância dos mesmos após a morte. Assim, a espiritualidade se mostrou como uma poderosa ferramenta para o enfrentamento do luto:

Tenho frequentado mais a igreja desde o dia em que ela se foi, tenho tido a fé como uma importante aliada nesse processo. Apegar em Deus foi o melhor caminho que eu poderia ter escolhido. Além do mais, na igreja é possível fazer novas amizades e conhecer outras histórias, outros problemas, o que acaba me ajudando a conseguir lidar melhor com os meus (CAPITU, Tia).

A espiritualidade pode ser considerada uma importante ferramenta que age nas perspectivas subjetivas dos sujeitos, uma possibilidade de amparo e auxílio perante cenários árduos. Conforme Comin *et al.* (2020), a mesma gera possibilidades para o enfrentamento de situações de crise e ampara na elaboração de sentidos que são complexos de serem compreendidos e resolvidos de maneira efetiva. Assim sendo, espiritualidade deve ser entendida como um componente relacionado de maneira direta à questões psicológicas dos indivíduos. É de fundamental importância empregá-la como um instrumento para auxiliar e amparar em momentos de crise e de intenso prejuízo psicológico, como a perda de uma familiar, desestruturação familiar e elaboração do luto.

O trabalho também foi citado como um recurso importante de enfrentamento:

Quando fez três dias que ela havia falecido, eu voltei a trabalhar e com toda certeza, me ajudou e tem me ajudado muito. Ouvir outras histórias, outros problemas, outras queixas e outras perdas tem me ajudado demais a encarar essa perda. Estaria sendo muito mais difícil se eu estivesse ficando em casa, porque eu pensaria mais e lembraria a todo momento (ORQUÍDEA, Tia).

As atividades e rotina no trabalho agem como uma maneira de indicar a condição humana, manifestar um compromisso verdadeiro com a existência, de proporcionar trocas sociais e de cessar com a invalidação das pessoas e com o

isolamento entre elas. No ambiente de trabalho, é possível adentrar no campo social, cultural e com relações sólidas. O comportamento de praticar atividades possibilita ao homem mudanças de pensamentos, comportamentos e até mesmo, sentimentos, podendo restabelecer de forma sensível, o equilíbrio emocional e a vida social, em um processo de efetiva percepção e ação (SOUZA; CORRÊA, 2009).

Em momentos de crise, dor e sofrimento, o ambiente de trabalho pode atuar como colaborador para o enfrentamento desses sentimentos. Estar em contato com os demais colaboradores, pode ser uma possibilidade de espaço para expressão de sentimentos inerentes à dor da perda, como angústia, tristeza, negação, culpa, solidão, preocupação e desamparo, assim como acolhimento dos mesmos. Dessa forma, o ambiente de trabalho se efetiva de maneira afetiva, acolhedora esses sentimentos e sendo, até mesmo, oportunidade para direcionar a atenção para outros afazeres e focalizar a energia somente na perda pela qual está passando (SOUZA; CORRÊA, 2009).

No entanto, ressalta-se que se o trabalho servir para evitar pensamentos e lembranças de maneira maciça e persistente, então ele poderia estar contribuindo para a negação do luto e não para seu enfrentamento saudável.

Destaca-se ainda o suporte social como fundamental para a superação do luto:

Recebi suporte dos meus amigos, da minha namorada e da minha família. Eles foram e estão sendo fundamentais para me ajudar a passar por esse momento. Quando estou triste ou lembrando muito da morte, ligo pra eles, a gente se encontra, e isso de certa forma me acalma e me ajuda a enfrentar tudo o que aconteceu (PETÚNIA, Tia).

O suporte social como recurso de enfrentamento em momentos de perdas e luto tem se feito cada vez mais importante. O suporte pode se dar através de conversas, falas, conselhos, atenção e oferta de momentos de descontração. Além disso, a rede social também pode ser importante para acolher de forma afetiva a dor do enlutado, dando espaço para que sentimentos como tristeza, raiva, medo e angústia sejam vividos e sentidos, além da externalização do sofrimento decorrente da perda (LUNA; MORÉ, 2020).

5 CONCLUSÃO

Por fim, foi possível concluir que a pandemia de Covid-19 trouxe consigo inúmeras consequências, para muito além das mudanças na rotina e adaptações que precisaram ser feitas. Ao receber o diagnóstico de Covid, o medo, a insegurança e a angústia eram sentimentos que se sobressaíam. Sabia-se pouco sobre a doença, o que, de certa forma, trazia mais preocupação. A situação poderia gerar consequências relacionadas às de estresse pós-traumático, como insônia, ansiedade, mau humor e perda de energia, o que foi relatado por alguns participantes. Além disso, em decorrência da rotina corrida e do alto número de pacientes, as notícias não eram passadas aos familiares com a frequência necessária, o que acabava acarretando em sentimentos como dúvida e angústia. As famílias mudavam sua rotina, adaptavam seus horários para estarem disponíveis no momento da ligação e, quando a mesma não acontecia, era normal que houvesse a criação de fantasias e pensamentos de catastrofização, como por exemplo, que o quadro houvesse se agravado ou que até mesmo o familiar houvesse falecido.

Além disso, conclui-se que há situações que colaboraram para um luto complicado e que ficaram evidentes nas falas dos participantes. A impossibilidade de realização dos rituais de despedida apareceu como agravador para o desenvolvimento de um luto complicado, uma vez que, a não realização dos mesmos, impossibilitava que os familiares se despedissem e vivessem esse momento, até mesmo como uma espaço para terem sua dor acolhida pelos amigos e demais sujeitos da família. Os rituais de despedida também se fazem importantes como sendo uma oportunidade para os familiares se desculparem, perdoarem e resolverem algumas questões que pudessem ter ficado sem serem resolvidas. Com a impossibilidade dos mesmos acontecerem, sentimentos como culpa, tristeza e angústia podem surgir.

Ainda foi possível concluir que existem manifestações emocionais que surgem a partir de um luto complicado, como negação, raiva e dificuldade de aceitação. A partir das entrevistas, foi possível perceber que essas repercussões estão, quase que diretamente, ligadas à impossibilidade da realização dos rituais de despedida, como velório e enterro. Além do mais, foi possível concluir sobre a importância dos recursos de enfrentamento perante momentos de perdas, especialmente a morte de familiares. Como recursos de enfrentamento, apareceram o retorno ao trabalho, a espiritualidade

e o suporte social em sua maioria, uma vez que foi essencial, para os familiares enlutados, possuírem um espaço para falarem sobre a perda e serem acolhidos em suas dores e angústias.

Dessa maneira, a partir da análise dos conteúdos coletados, foi possível concluir que a presença de um profissional de Psicologia se faz indispensável nesse cenário de hospitalização, onde a morte se faz tão presente e constante. Oferecer suporte para os familiares, acolher suas angústias, medos e dores após o diagnóstico ou até mesmo a morte em si, é de fundamental importância e pode causar impacto significativo nos sujeitos enlutados e na própria elaboração do luto, sendo uma espaço para manifestação dos sentimentos.

Como limitação, tem-se o fato de que novos estudos se fazem necessários, tendo em vista a compreensão das consequências psicossociais do luto a longo prazo e a definição de estratégias que se mostrem eficazes para o acolhimento dessas famílias enlutadas.

Enfim, conclui-se que a pandemia chegou de maneira inesperada e os sujeitos precisaram se adaptar, rapidamente, às condições impostas pela mesma. A morte se fez presente de maneira considerável e as famílias enlutadas estão, ainda, em processo de adaptação à perda que sofreram. Dessa forma, se faz necessário uma maior facilidade de acesso ao serviço de Psicologia, uma vez que esse acompanhamento seria fundamental para auxiliar as famílias no processo de elaboração do luto pela perda que sofreram.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo. *et al.* Impacto emocional imediato do covid-19 em crianças e adolescentes e suas famílias. **Psicologia, Saúde e Doenças**, Portugal. v. 21, n. 3, p. 633-646. 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/Vanessa/Downloads/751%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Vanessa/Downloads/751%20(1).pdf). Acesso em: 28 set. 2021.
- BASSO, Lissia Ana; WAINER, Ricardo. Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Rio de Janeiro. v. 7, n. 1, p. 35-43. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872011000100007. Acesso em: 27 set. 2021.
- COGO, Adriana Silveira *et al.* **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19**: Processo de luto no contexto da Covid-19. Fundação Oswaldo Cruz,

2020. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-Covid-19.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

COMIN, Fábio Scorsolini. *et al.* A religiosidade/espiritualidade como recurso de enfrentamento da Covid-19. **Recom**, Centro Oeste Mineiro. v. 10, n. 3. p. 23-37. 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Vanessa/Downloads/3723-15935-1-PB.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.

CREPALDI, Maria Aparecida. *et al.* Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. Campinas: **Estudos de Psicologia**, Campinas. v. 37, n. 2. p. 58-82. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LRmfcnxMXwrbCtWSxJKwBkm/?lang=pt>. Acesso em: 5 out. 2021.

DANZMANN, Pâmela Schultz; DA SILVA, Ana Claudia Pinto; GUAZINA, Félix Miguel Nascimento. Implicações da morte e luto na saúde mental do sujeito frente à pandemia. **Rev. Multidisciplinar e de Psicologia**, s.l. v. 15, n. 55, p. 33-51. 2021. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3016>. Acesso em: 16 out. 2021.

DEWES, João Osvaldo. **Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling**: uma descrição dos métodos. 2013. p.1-53. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Estatística)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Vanessa/Documents/000915046.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro. v. 24, n. 2, p. 17-27. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Zbfsr8DcW5YNWVkyMvByhrN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 out. 2021.

GIAMATTEY, Maria Eduarda Padilha. *et al.* **Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações**. 2020. p. 29. Dissertação (Mestrado em Saúde Mental e Atenção Psicossocial)-Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/zGDv9BZ6Lc44fxJFBBz8ktC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 out. 2021.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo**: Sentidos e formas de uso. 1. ed. Estoril: Príncipia, 2006.

JARDIM, Anna Carolina Salgado; PEREIRA, Viviane Santos. **Metodologia qualitativa**: é possível adequar as técnicas de coleta de dados aos contextos vividos em campo. In: Sociedade brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, SOBER 47º Congresso, Porto Alegre. 2009. Disponível em:

<https://cursodegestaoelideranca.paginas.ufsc.br/files/2016/03/Artigo-sobre-Pesquisa-Qualitativa.pdf>. Acesso em: 12 out. 2021.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**: O que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 7ª ed. São Paulo: WWF Martins Fontes, 1969.

LUNA, Ivânia Jann; MORÉ, Carmen Leontina O. Ocampo. Redes pessoais significativas e os recursos de enfrentamento no luto. **Saúde e Transformação Social**, Florianópolis. v. 11, n. 1, p.91-104. 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/Vanessa/Downloads/5337-22649-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Vanessa/Downloads/5337-22649-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 10 abr. 2022.

LUSTOSA, Maria Alice. A família do paciente internado. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro. v.10, n.1. p. 23-45. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582007000100002. Acesso em: 10 abr. 2022.

MARENGO, Mariana O.; FLÁVIO, Daniela A.; SILVA, Ricardo Henrique Alves. Terminalidade de vida: bioética e humanização em saúde. **Rev. Medicina USP**, Ribeirão Preto. v. 42, n. 3, p. 350-357. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/231/232>. Acesso em: 10 out. 2021.

MENDES, Anabela Pereira. Impacto da notícia de doença-crítica na vivência da família: estudo fenomenológico hermenêutico. **Rev. Brasileira de Enfermagem**, Portugal. v. 71, n. 1. p. 170-178. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/wKBQX5trfTQwszQ89ftw9Jd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 abr. 2022.

MENEGHEL, Stela Nazareth; RIBEIRO, Rafael Henrique; OLIVEIRA, Daniel Canavese. Grupos virtuais no enfrentamento do medo e da morte durante a epidemia de Covid-19: contribuições da saúde coletiva. **Rev. Saúde Soc**, Porto Alegre. v. 30, n. 4. p. 25-36. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nCZCwVnqkHrFbMy6Dd3scgt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 br. 2022.

NASCIMENTO, Adriana Rodrigues. *et al.* Rituais de despedida no contexto da pandemia de Covid-19. **Cadernos ESP**, Ceará. v. 14, n. 1. p. 80-85. 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/Vanessa/Downloads/angcp,+12+--+384+--+80++85%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Vanessa/Downloads/angcp,+12+--+384+--+80++85%20(2).pdf). Acesso em: 08 abr. 2022.

PEREIRA, Inês Catarina Oliveira. **Avaliação do Processo de Luto**: na perspectiva do cuidador enlutado. 2014. p. 160. Dissertação (Mestrado em Cuidados Paliativos)- Universidade de Lisboa. Lisboa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/23495/1/10975.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

RAMOS, Vera Alexandra Barbosa. **O processo de luto**. Psicologia: o portal dos psicólogos. [S.l.], 2016.

SANTOS, Helen Barbosa; PAZ, Fernanda Marques. Luta pela vida, luto pela perda: atenção em saúde mental a uma sobrevivente de Covid. **SCIAS Direitos Humanos e Educação**, Belo Horizonte. v. 4, n. 1. p. 176-189. 2021. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sciasdireitoshumanoseducacao/article/view/5443/3612>. Acesso em: 08 abr. 2022.

SANTOS, Lígia Prada. *et al.* **Consumo e rituais de despedida**: processos de escolha e decisão de compra nas cerimônias fúnebres premiuns da cidade de São Paulo e região metropolitana. 2019. p. 243. Dissertação - Programa de mestrado profissional em comportamento de consumo - Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Vanessa/Downloads/L%C3%ADgia%20Prada%20Santos.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

SOUZA, Airle Miranda; CORRÊA, Victor Augusto Cavaleiro. Compreendendo o luto nas atividades ocupacionais. **Rev. do Nufen**, São Paulo. v. 1, n. 2. p. 75-91. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912009000200009. Acesso em: 08 abr. 2022.

SOUZA, Christiane Pantoja de; SOUZA, Airle Miranda de. Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Belém. v. 35, n. 3. p. 1-7. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/McMhwzWgJZ4bngpRjL4J8xg/?lang=pt>. Acesso em: 02 out. 2021.

TURANO, Egberto Ribeiro. **Tratado da Metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2008.

VASCONCELOS, Eslane Vilela. *et al.* A importância da comunicação: familiares e pacientes internados em um centro de terapia intensiva. **Rev. Conexão UEPG**, Ponta Grossa. v.12, n.2. p. 196-207. 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5141/514154368018/html/>. Acesso em: 08 abr. 2022.

VON HOHENDORFF, Jean; DE MELO, Wilson Vieira. Compreensão da morte e desenvolvimento Humano: contribuições à Psicologia Hospitalar. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro. v. 9, n. 2, p. 480-492. 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844629014.pdf>. Acesso em: 1 out. 2021.